



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Moscou diz ter estreado o uso de um artefato militar "invencível" no mesmo dia em que soldados ganham território em cidades estratégicas. O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, pede diálogo para "retomar a integridade territorial" de seu país

Rússia avança com mísseis hipersônicos

A Rússia segue dando sinais de que não tem a intenção de recuar na invasão à Ucrânia. Ontem, soldados russos ganharam território em cidades estratégicas do país vizinho, e o presidente Vladimir Putin anunciou que passou a usar mísseis hipersônicos na guerra que completa 25 dias. Segundo o titular do Kremlin, trata-se de um armamento "invencível", até então só usado em treinamentos militares. Kiev, por sua vez, acusa Moscou de criar deliberadamente "uma catástrofe humanitária". O presidente Volodymyr Zelensky disse que é "hora de conversar" com Putin "para evitar mais derramamentos de sangue" e "retomar a integridade territorial e a justiça para a Ucrânia".

De acordo com Moscou, o míssil Kinjal desafia todos os sistemas de defesa antiaérea porque sua velocidade (cerca de 12 mil quilômetros por hora) e sua grande manobrabilidade fazem com que seja impossível ou muito difícil interceptá-lo. O Ministério da Defesa russo relata que, nos testes, em 2018, o Kinjal, uma palavra russa que significa "punhal", atingiu todos os seus alvos a uma distância de mais de mil quilômetros. Na última sexta-feira, ele foi lançado contra um depósito de armamentos.

"Em 18 de março, o complexo aeronáutico Kinjal, com seus mísseis balísticos hipersônicos, destruiu um importante depósito subterrâneo de mísseis e munições da aviação ucraniana na cidade de Deliatin, na região de Ivano-Frankivsk", relatou o porta-voz do ministério da Defesa da Rússia, Igor Konashenkov. A região está localizada a cerca de 50 quilômetros da fronteira com a Romênia, país-membro da Otan.

Preocupados com a escalada na ofensiva, os Estados Unidos anunciaram que vão ajudar a

AFP



Soldados ucranianos em Mikolaiv, ao sul do país: ataque a quartel em que dormiam 200 homens deixou ao menos 50 mortos

reforçar a defesa aérea da Ucrânia, estratégia, segundo especialistas, que pode não sair facilmente do papel. O armamento ideal para isso é um sistema de baterias antiaéreas do tipo Patriot, cuja eficácia foi amplamente demonstrada, nos últimos anos, no Iraque e no Golfo Pérsico. Porém, os militares ucranianos não são treinados para operar o sofisticado armamento americano.

Há suspeitas de que Moscou esteja exagerando no potencial bélico do artefato. De qualquer forma, para o especialista militar russo Pavel

Felgenhauer, há um efeito psicológico nesse tipo de estratégia. "No fim, não muda nada no campo de batalha, mas fica claro que tem um efeito na propaganda psicológica, para assustar a todos", afirma.

Sitiados

Em terra, o aumento na intensidade dos ataques se repete — principalmente em Mariupol, que tem sofrido ataques há mais de duas semanas. Soldados russos tomaram o centro da cidade, que tem o principal porto marítimo da região,

e destruíram a usina metalúrgica, uma das maiores da Europa. O prefeito, Vady Boychenko, declarou que as forças inimigas estão em maior número que as locais, e que as tentativas de apoio aéreo falharam.

Com os ataques, o governo ucraniano perdeu o acesso ao Mar de Azov e também teve um estratégico posicionamento terrestre comprometido. Mariupol liga a península da Crimeia, que foi anexada pelos russos em 2014, à região de Donbass, onde estão Donetsk e Lugansk — as duas repúblicas separatistas que tiveram sua

independência reconhecida por Putin no mês passado. "É imaginável que Putin tenha dado pessoalmente a ordem para destruir toda a cidade. O objetivo não é desmilitarizar a Ucrânia, mas desindustrializá-la. Teremos que reconstruir as nossas usinas nas próximas décadas", disse o ministro do Interior, Vadym Denysenko.

Outra cidade muito atingida, Mikolaiv, localizada no sul, foi alvo de ataques aéreos em um ritmo vertiginoso, um dia depois de dezenas de soldados terem morrido em decorrência de bombardeio no

» Alerta chinês

Um dia depois de o presidente chinês, Xi Jinping, pedir o fim do conflito, o vice-ministro das Relações Exteriores da China criticou a expansão da Otan e as sanções impostas à Rússia. Le Yucheng declarou que a "raiz" da guerra atual "está na mentalidade da Guerra Fria e na política de poder" da Otan, que busca aumentar o seu território para o leste europeu. "Empurrar um grande país, especialmente uma potência nuclear, para o canto, acarretaria repercussões terríveis demais", alertou.

quartel em que estavam dormindo. "Não conseguimos dar o alerta: quando anunciamos a onda, ela chegou", escreve o governador da região, Vitali Klim, nas redes sociais. Cerca de 200 soldados estavam no local. "Pelo menos 50 corpos foram removidos, mas não sabemos quantos ficaram sob os escombros", contou à agência France-Presse de notícias (AFP) um soldado de 20 anos.

Em um novo vídeo divulgado, ontem, nas redes sociais, o presidente Volodymyr Zelensky acusou Moscou de tentar submeter as cidades ucranianas à fome e alertou que a manutenção da guerra também implica em consequências para a Rússia. Segundo ele, a aposta puramente militar não resolverá o conflito na região e pode até ser uma faca de dois gumes para Putin, acusado por ONGs e líderes ocidentais de cometer "crimes de guerra". Para Zelensky, as negociações são "a única chance que a Rússia tem de minimizar os danos causados por seus próprios erros".

» Entrevista | SLAWOMIR "STEVE POLAND" | SÓSIA DE VLADIMIR PUTIN

"Putin" sobre Putin: "corações diferentes"

» RODRIGO CRAVEIRO

Nas ruas, ele recebe olhares de desaprovação e rancor. Chega a tentar evitar contato direto com quem não conhece, sob medo de represálias. Tem sido assim desde 24 de fevereiro, quando as tropas da Rússia invadiram a Ucrânia. Morador de Breslândia, no oeste da Polônia, Slawomir falou sobre a guerra e contou o que faria se encontrasse o verdadeiro Putin. "Eu diria a ele: 'Você não tem que ser um tirano para as pessoas respeitarem e amarem você!'"

12 de março, o também ator ajudou o uzebeque Umid Isabaev, sócia de ninguém menos do que o líder ucraniano Volodymyr Zelensky a fugir da Ucrânia. A complexa operação de resgate contou com a ajuda de Howard X, sócia do ditador norte-coreano, Kim Jong-un. Em entrevista ao **Correio**, Slawomir falou sobre a guerra e contou o que faria se encontrasse o verdadeiro Putin. "Eu diria a ele: 'Você não tem que ser um tirano para as pessoas respeitarem e amarem você!'"

Como é ser tão parecido com Vladimir Putin em tempos de guerra?

Desde o início da guerra na Ucrânia, as pessoas me abordam

na rua com muito mais frequência. Elas tentam tirar fotos minhas quando não estou vendo. Também costumam perguntar se temo por minha vida e se tenho enfrentado

Arquivo pessoal



situações desagradáveis. Eu tenho evitado contato direto com pessoas que não conheço, mas, de fato, minha vida mudou muito nas últimas três semanas. As pessoas

me olham como se guardassem rancor de mim, ante o fato de que o verdadeiro Putin assassina mulheres inocentes e crianças. Não é um papel fácil em tempos difíceis de guerra.

Quando o senhor começou a trabalhar como sócia do presidente russo e como percebeu que era tão parecido com ele?

Trabalho como sócia de Putin desde 2012. Tenho participado de muitos eventos mundo afora. Ricos me convidam para sua festa de aniversário, mas também tenho feito comerciais e vídeos para as redes sociais. Desde que Putin ascendeu ao poder, as pessoas me abordam na rua e perguntam: "Você sabe que se parece com Putin?". Respondo que sim, antes de tirarmos fotos juntos.

Como surgiu a ideia de salvar o "Zelensky"?

Assim que a guerra teve início,

recebi uma mensagem de meu colega Howard X, sócia de Kim Jong-un (ditador norte-coreano). Ele me pediu que ajudasse um homem, sócia como nós e muito parecido com o presidente da Ucrânia. Precisava de ajuda para sair de Kiev. Telefonei para amigos na Polônia e na Ucrânia para organizar uma operação de auxílio a ele. Graças a meus contatos nas fileiras da Guarda Nacional da Ucrânia, conseguimos retirar Umid Isabaev de Kiev e levá-lo à fronteira com a Polônia; depois, a Wrocław, minha cidade natal. Retirar Umid da Ucrânia foi muito perigoso porque o serviço secreto russo queria levá-lo a Moscou. Graças à ação profissional, Umid está a salvo na Polônia.

Se pudesse encontrar o verdadeiro Putin, o que diria a ele?

Eu olharia bem no fundo dos olhos dele e diria a ele que a aparência não decora uma

pessoa. Temos rostos iguais, mas corações completamente diferentes. Você não tem que ser um tirano para as pessoas respeitarem e amarem você. Apesar da riqueza que Putin acumulou, ele jamais conhecerá a felicidade que tenho sem estar no lugar dele.

De que maneira o senhor vê a guerra na Ucrânia?

Acho que Putin se aproveitou da fraqueza dos políticos de outros países e decidiu pela solução mais vergonhosa para seus problemas. Estou muito triste e com raiva que uma guerra tão monstruosa pudesse ocorrer, no meio da Europa, em pleno século 21. Sou um ferrenho opositor da política de Putin e do regime que ele criou na Rússia. Antes da guerra na Ucrânia, as pessoas estavam ansiosas para tirar fotos comigo. Hoje, tento não provocar a situação, então, prefiro evitar aglomerações.